

O aluno esquecido de Franz Liszt

Franz Liszt's Forgotten Student

Hannah Houston

Eastern Kentucky University - EKU

À medida que a história da música avança, alguns músicos são esquecidos enquanto outros são descobertos. Durante o período romântico da música, que vai de 1820 a 1900, existiram vários músicos famosos e talentosos. Chopin, Rachmaninoff, Liszt, ou Brahms vêm à mente, e com razão, pois cada um deles era um músico excepcionalmente talentoso. Porém, hoje um músico esquecido será redescoberto: Hermann Cohen. Na redescoberta deste músico, serão discutidos três temas principais. Primeiro, sua juventude e talento. Em segundo lugar, suas conexões influentes, jogos de azar, amor e conversão. Por último, sua vida após sua conversão e suas composições musicais, além de como foi esquecido nos tempos modernos—apesar de seu talento musical e ligação com o pianista Franz Liszt – porque decidiu ser padre, mas como essa decisão lhe proporcionou uma paz duradoura de coração e alma.

Em 10 de novembro de 1821, em Hamburgo, Alemanha, Hermann Cohen nasceu em uma das famílias mais ricas da cidade. Seu avô e seu pai eram líderes influentes da comunidade judaica em Hamburgo. Hermann mostrou sinais de brilhantismo desde muito jovem e rapidamente ultrapassou seu irmão mais velho na escola. Refletindo sobre seu sucesso na escola, Hermann afirmou: “No que diz respeito ao latim, ao francês e às outras matérias que eles nos ensinaram, acontecia o mesmo com todos eles, como outro Jacob, roubei o direito de primogenitura do meu irmão e atraiu para mim todos as recompensas e os elogios que sei tão bem dominar que meu pobre irmão deve ter sofrido muito por minha causa.” No entanto, apesar dos prêmios acadêmicos que conseguiu obter na escola, tudo isso foi superado pelo seu talento musical virtuoso. Aos quatro anos e meio, Hermann começou a aprender piano e aos seis já tocava qualquer música de ópera popular. A partir dessa idade rapidamente se tornou um mestre no instrumento e seu professor de piano declarou

que “Herman é um gênio”. Com esse aval e incentivo de sua mãe, Hermann quis seguir a carreira musical, mas seu pai foi contra a ideia. No entanto, seu pai logo passou por dificuldades financeiras, que rapidamente se tornaram uma ruína financeira e quando o tutor de Hermann disse que Hermann poderia se tornar famoso através de seu talento musical, seu pai cedeu e deixou-o se mudar para Paris aos 13 anos para tentar a sorte. Em Paris, Hermann começou a frequentar os Salons - encontros formais onde funcionários ou indivíduos ricos se reuniam para socializar, onde nesses locais a música era frequentemente tocada. Foi num desses Salons que Hermann conheceu o cada vez mais popular Franz Liszt. Diz-se que Liszt ficou impressionado com o seu talento e viu no menino uma imagem da sua própria juventude, concordando em tomá-lo como seu aluno. Hermann também conheceu a extravagante Lucille Aurore Dupin: mais conhecida como George Sand. Sand foi uma autora de sucesso e defensora das mulheres, além de ter sido, por algum tempo, amante do compositor Chopin. Ela também era grande amiga de Franz Liszt e ficou fascinada por Hermann Cohen e conseguiu garantir-lhe popularidade em toda a Europa. Além disso, Franz Liszt percebeu o potencial de seu aluno e deu concertos para ele e até subestimou sua idade para fazer o já impressionante talento de Cohen parecer ainda maior. No entanto, durante seu 14º ano, Hermann ouviu que Liszt planejava fugir com uma jovem e bela, embora já casada, condessa. Hermann não foi incluído nos planos e temia que sua fama diminuísse se ele não estivesse mais sob a orientação de Liszt.

Portanto, ele decidiu secretamente seguir seu professor de piano até Genebra, para onde o casal havia fugido. Infelizmente, a condessa não gostava de Hermann e não deixou Liszt convidar o menino para ficar com eles, sentindo que ele seria um constrangimento extra para a situação deles. Foi só depois de muito convencimento que Hermann foi autorizado a voltar a estudar com Liszt. Em Genebra, o prefeito pediu a Franz Liszt que abrisse uma Escola de Música e, ao fazê-lo, Liszt nomeou Hermann como professor lá, aos 15 anos de idade! Isto deu-lhe uma razão extra para ficar e muito dinheiro para desperdiçar, o que será discutido mais tarde. Uma experiência musical e espiritual notável que Hermann teve durante sua estada com Franz Liszt em Genebra foi quando visitaram a Catedral de São Nicolau em

Friburgo, onde Liszt tocava órgão. Cohen registrou mais tarde: “Liszt tocou as grandes teclas desta colossal harpa de David, cujos sons majestosos me deram uma vaga ideia de sua grandeza, ó meu Deus. Fiquei cheio de um pressentimento de santidade. Você não causou em minha alma uma insinuação de fé religiosa? Qual era então aquele sentimento profundo que sempre experimentei desde a minha juventude, quando eu próprio tocava ou ouvia alguém tocar as notas de um órgão? Isso me afetaria tanto que fiquei doente e fui aconselhado a evitar o instrumento. Ó, Jesus, meu amado, tu estavas à porta do meu coração: e eu não quis abrir para ti”. Esses sentimentos pareciam ser um prenúncio do que estava por vir.

Entretanto, Liszt regressou a Paris por um tempo para garantir que a sua fama não diminuísse na sua ausência. A condessa deu à luz dois filhos a Liszt e seus sentimentos em relação a Cohen só pioraram. Ela sentiu que ele tirava de Liszt tempo, atenção, e recursos que eram dela e de seus filhos por direito. Além disso, durante a estadia de Liszt em Paris, Hermann começou a jogar e logo se viciou em apostas, abandonando a prática do piano. A condessa conseguiu convencer seu amante de que Hermann havia roubado seus fundos, e também publicou cartas que Franz Liszt havia escrito para outras mulheres; isso deixou o famoso pianista furioso e ele rompeu o vínculo com o jovem. Nenhuma dessas acusações jamais foi provada verdadeira e é interessante que logo após isso ter ocorrido, Liszt deixou a Condessa para sempre. Arrasado pelo abandono de Liszt, Cohen tentou continuar a sua carreira sozinho, mas o vício em apostas o fez perder ainda mais tempo. Hermann voltou para Paris, e lá, na casa de um amigo, conheceu a dançarina Celeste Mogardor, por quem rapidamente se apaixonou. Celeste adorava provocar o pobre jovem apaixonado e chegou ao ponto de debochar de sua herança judaica; entretanto, nada do que ela dizia o magoava ou insultava, mas apenas parecia aumentar sua adoração.

Ele suspeitava que Celeste retribuiria seu amor se ele não se filiasse mais ao judaísmo. Pouco depois de chegar a esta conclusão, um amigo perguntou a Hermann se ele estaria disposto a reger a música para um serviço de bênção – que é a exposição do Santíssimo Sacramento – na Igreja Católica de St. Valere, em Paris. Durante o evento, ocorreu um acontecimento extraordinário que mudaria para sempre sua vida. Herman registra: “Durante a cerimônia, nada me afetou muito, mas no

momento da bênção, embora eu não estivesse ajoelhado como o resto da congregação, senti algo profundo dentro de mim, como se tivesse me encontrado. Era como se o filho pródigo se enfrentasse. Eu estava automaticamente baixando minha cabeça.” Ele descobriu que a mesma experiência acontecia quando assistia à missa católica e começou a frequentá-la regularmente. Celeste começou a sair com um jovem duque e, apesar disso, ficou chocada ao receber uma carta de Hermann dizendo que ele decidiu entregar sua vida a Deus. Hermann, tão afetado pela sua experiência, decidiu aderir à Igreja Católica e, ao fazê-lo, sentiu como se tivesse encontrado uma grande alegria para realizar a sua vida.

É importante notar que Hermann sentiu que sua conversão ao catolicismo estava cumprindo sua herança judaica, dizendo: “[Depois que] decidi acreditar em Jesus Cristo, tudo o que li, senti, vi e ouvi apareceu para mim em um novo luz, uma luz deslumbrante e luminosa, e eu caí de uma alegria para outra, enquanto com esta fé eu via o magnífico quadro de nossas Sagradas Escrituras se desdobrar; toquei em cada página deste Messias prometido no Antigo Testamento. Logo após sua conversão ao catolicismo, Hermann voltou a dar aulas de piano, na esperança de pagar todas as dívidas contraídas com o jogo. O trabalho foi árduo e lento; registrou que muitas vezes se sentiu tentado a voltar à mesa de jogo, mas nunca o fez, ocupando-se com aulas de música, compondo e tentando difundir a devoção à Bênção, onde inicialmente sentiu tanto consolo espiritual. Decidiu ingressar na Ordem Carmelita, curiosamente uma ordem religiosa que se originou na terra de Israel, e entregar sua vida a Deus como sacerdote; para finalizar o pagamento de sua dívida, fez uma última apresentação onde tocou suas obras junto com obras de seu inesquecível professor, Liszt, além dos populares Chopin e Brahms.

Herman perseguiu seu sonho de dedicar sua vida a Deus e, depois de muito estudo, foi ordenado sacerdote na ordem carmelita. Após sua ordenação, passou a maior parte do tempo pregando por toda a Europa continental, compondo motetos. Foi dito que enquanto pregava, ele “mantinha cativa a atenção dos seus ouvintes”.

A música que Hermann compôs quando era um frade carmelita ainda pertencia aos belos estilos da era romântica; na verdade, ele foi criticado por tocar nas igrejas uma música que parecia muito parecida com algo que se ouviria em uma

ópera. Porém, um amigo apontou para Hermann, quando ele expressou sua preocupação, que ao seguir o estilo romântico, ele persegue a ideia de amor. Se o amor de Hermann por Deus se expressou em estilos semelhantes aos de outros compositores românticos que buscaram o amor mundano, não é apenas adequado, mas apropriado que um homem que dedicou a sua vida ao serviço de Deus se expresse de forma semelhante.

Uma de suas maiores realizações nessa época foi a composição de 40 motetos para serem usados na Santa Missa; são polifônicos e configurados para coro e órgão. No início do século XX, o bispo Louis Baunard disse: “O artista (Cohen) canta as melodias mais doces, mais místicas e penetrantes já ouvidas em nossa época”. Outra realização musical foi a composição de uma missa completa por Cohen, escrita em homenagem a Santa Teresa d’Ávila, correformadora da ordem carmelita. A Missa tem solos impressionantes especialmente no Kyrie e no Agnus Die ambos fazem parte do Ordinário da Missa. Além dessas duas composições principais ele também compôs volumes mais curtos de canções e hinos que incluem Glorie a Marie Thabor e Flores do Carmelo, esta última expressa particularmente o amor e é considerada por alguns a sua mais bela obra.

Um evento muito importante que ocorreu nesta época foi a reconciliação e a amizade renovada de Cohen e Liszt. Em junho de 1862, Franz Liszt, que havia recebido ordens menores no efeito de uma conversão pessoal, e Hermann estavam ambos em Roma. Lá eles se reencontraram e o ressentimento criado pela antiga amante de Liszt, esquecido, felizmente restabelecendo seu relacionamento. Eles mais uma vez tocaram juntos o piano e caminharam juntos pelas ruas de Roma. Liszt, numa carta à sua filha, escreveu que ouviu Hermann pregar na igreja de Saint-Louis des Français e ficou impressionado com a sua eloquência, dizendo: “A sua entrada na vida religiosa enriqueceu a sua inteligência, o seu coração e as suas maneiras.”

Hermann terminou seus anos pregando, tocando piano em alguns recitais e vivendo sua vida como padre carmelita. Com a eclosão da Guerra Franco-Prussiana e a pedido do bispo, Hermann foi servir como capelão dos franceses nos campos de prisioneiros de Berlim. Dessa forma, a vida de Hermann deu uma volta completa, começando em Hamburgo, na Alemanha, e prestes a terminar em Berlim, na

Alemanha. No campo de prisioneiros, ele ministrou a 5.300 prisioneiros franceses; não apenas às suas necessidades espirituais, mas também às suas necessidades físicas, fornecendo roupas, cobertores e assim por diante. Mas no clima frio de um campo de prisioneiros, a saúde de Hermann deteriorou-se rapidamente. Ele continuou a trabalhar duro pelos prisioneiros, mas em 15 de janeiro de 1871, um colega padre reconheceu o quão doente Hermann estava e deu-lhe a Última Unção, a bênção católica para os moribundos. Cinco dias depois, Hermann passou pacificamente para a vida eterna, encerrando uma vida que o levou a muitos lugares e sentimentos, uma vida de pianista famoso e de humilde padre.

A parte mais triste da vida de Hermann ocorre após sua morte. Hoje, Hermann Cohen é um nome esquecido, tanto como pianista como como compositor. Sua música não é tocada e partituras de suas obras outrora famosas não são facilmente encontradas. Embora seu nome já tenha sido sinônimo de Franz Liszt, quase ninguém o conhece hoje. Contudo, se olhasse para esta situação de uma perspectiva diferente, talvez ele não tivesse ficado chateado com isto; ele tomou uma decisão que sabia que encerraria sua famosa carreira musical ao seguir um chamado de Deus. A música que compôs após a sua conversão à fé católica foi escrita para a glória de Deus e menos para os homens. Ele certamente parecia ter sucesso em sua música sacra. Neste caso, talvez a vida de Hermann tenha sido gratificante, afinal.

No final, o mundo ficou privado dos estudantes de piano favoritos de Franz Liszt. Hermann Cohen, de ascendência judaica, dedicou a sua jovem vida à execução virtuosa do piano, mas depois de um caso de amor malsucedido e de uma experiência impactante na *Benediction*, converteu-se à fé católica, vendo-a como uma concretização da sua herança judaica. Mesmo como frade carmelita, Hermann continuou a compor belas músicas sacras, terminando sua vida servindo outras pessoas em um campo de prisioneiros. Na verdade, Hermann Cohen foi um influente compositor e pianista romântico que desistiu da sua carreira musical por uma vocação superior e, ao fazê-lo, foi esquecido nos tempos modernos, apesar do seu talento musical e da sua ligação ao famoso pianista Franz Liszt. Sua decisão de se tornar padre, no entanto, proporcionou-lhe uma paz duradoura no coração e na alma.

Referências

Jornada Espiritual de Hermann Cohen; Pianista de classe mundial e protegido de Liszt. (JUDEUS, TESTEMUNHO DE A. ANTIGO. “A Jornada Espiritual de Hermann Cohen”)

O’CONNELL, Julia Grella. Música, pecado e redenção na cultura visual e literatura vitoriana. Universidade da Cidade de Nova York, 2009.

SCHOEMAN, Roy, ed. Mel da Rocha: Dezesesseis Judeus Encontram a Doçura de Cristo. Imprensa Inácio, 2007.

SYLVAIN, Carlos. A Vida do Reverendo Padre Hermann, 1880. traduzido pela Sra. F. Raymond Baker. PJ Kennedy & Sons. Nova York, 1925.

TIERNEY, Timothy. A vida de Hermann Cohen: de Franz Liszt a João da Cruz. Imprensa Balboa, 2017.

WALKER, Alan. Franz Liszt: Os anos finais, 1861-1886. v. 3. Imprensa da Universidade Cornell, 1987.